

“Quilombolas, luta e revolução”

Maria Raimunda Penha Soares

(UFF/Campus Rio das Ostras.

Coordenadora do NEAB/UFF de Rio das Ostras)

Rio Branco-Acre

ADUFAC

2018

Apresentação

Os quilombos se constituem no Brasil, segundo indica Clóvis Moura (1992)¹, no final do século XVI, permanecendo como quilombos de fugas e resistências, enquanto durou o regime escravista. Neste período os quilombos representaram a principal forma de luta dos negros contra a escravidão e o sistema opressor que lhe tirava a liberdade e a vida.

Com o fim oficial da escravidão, os quilombos, na forma que até então eram conhecidos dão lugar há outro tipo de grupamento que prioriza a luta pela permanência dos recém libertos em áreas rurais próximas as fazendas onde trabalhavam ou mesmos em áreas do perímetro urbano, como nos indica Andreino Campos (2007). Isto indica que a quilombagem que se inicia como um movimento de rebeldia no século XVI atravessa os diversos períodos históricos do Brasil e sobrevive até os tempos atuais, com outros contornos, mas permanecendo com seu elemento fundante que é o “espírito” de luta e resistência frente ao sistema opressor.

Clóvis Moura definia quilombagem como:

(...) o movimento de rebeldia permanente organizado e dirigido pelos próprios escravos que se verificou durante o escravismo brasileiro em todo o território nacional. Movimento de mudança social provocado, ele foi uma força de desgaste significativa ao sistema escravista, solapou as suas bases em diversos níveis – econômico, social e militar – e influiu poderosamente para esse tipo de trabalho entrasse em crise e fosse substituído pelo trabalho livre. (MOURA, 1992, p. 12).

Entender a força de organização, de resistência e luta que os quilombos representaram no Brasil colônia e, com o fim da escravidão e da perseguição armada contra estes entender as estratégias de luta pela permanência em seus territórios, pode significar para as diversas organizações da classe trabalhadora não só uma referência, mas uma forma de iluminar a luta presente.

Se quando vigorava a escravidão os quilombos eram formados pela fuga de negros escravizados e sua organização coletiva em torno de usos comuns, modos de vida e de sobrevivência, alguns com aparato social, político e militar bastante estruturado como foi o exemplo de Palmares, com o fim da

¹ Cf. MOURA, Clóvis. *História do Negro brasileiro*. São Paulo: Editora Ática, 1992.

escravidão, estes grupamentos passaram a se estruturar de outra forma: tanto pela permanência nos arredores ou nas fazendas onde até então foram escravizados, com pouca ou nenhuma mobilidade territorial; quanto pela migração para locais do perímetro urbano, nas franjas das principais cidades do país². Por outro lado, muitas comunidades que tem historicamente uma origem e formação quilombola passam a acionar esta identidade e exigir seu direito ao território ocupado mais recentemente nos marcos da Constituição de 1988, tendo nos movimentos negro e quilombola importantes atores no acionamento destes direitos. Desta forma há quilombos atualmente com distintas origens:

Os autores Abdias Nascimento, Beatriz Nascimento, Joel Rufino dos Santos e Lélia Gonzalez são referências no processo de nova significação negra quilombola (RATTS, 2006). A partir deles, passou-se a considerar um significado de resistência política e cultural dos remanescentes de negros escravizados – que engloba não somente as comunidades originárias de fugas ou insurreições. Na composição deste novo constructo, foi apreciada a existência de modos distintos de possessão das terras e de territorialidades específicas, submetidas a um histórico comum de segregação, discriminação e marginalização social, política e econômica (MELLO, 2012). (REIS, 2017: 226).

No Brasil existem segundo dados da fundação Palmares (2017), mais de 2.600 Comunidades remanescentes de Quilombo. Entretanto, estes dados são contestados tanto pelo movimento quilombola, quanto por estudiosos que indicam que podemos chegar a 5.000 comunidades em todo o território (ANJOS, 2005). Destas comunidades apenas 210 possuem o título da terra (INCRA, 2017).

O debate sobre as comunidades quilombolas no Brasil viera à tona nos últimos meses com a votação no STF da Ação Direta de Inconstitucionalidade nº 3239 proposta pelo Partido da Frente Liberal (PFL), atual Democratas (DEM) que questionava o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades quilombolas, conforme estabelecido pelo Decreto nº 4.887/2003. O julgamento, iniciado em 2012 foi encerrado somente em fevereiro de 2018 com a ação sendo considerada inconstitucional e a corte decidindo a favor dos quilombolas.

² Cf. CAMPOS, Andreilino. Do quilombo à Favela: a produção do “Espaço Criminalizado” no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; 2007.

Apesar desta vitória está longe de cessar a luta destas comunidades, tanto porque suas demandas por direitos ultrapassam a demarcação e titulação terras (que é insignificante diante do número de comunidades) e se refletem nas condições de vida iníquas, um cenário de negação de direitos básicos, racismo institucional e vulnerabilidade social, quanto porque sua pauta de luta insere-se num marco maior que é a luta dos trabalhadores, a luta de classes.

Esta proposta de curso pretende apresentar, de forma introdutória, alguns elementos para o debate sobre os quilombos no Brasil e suas lutas contemporâneas nos marcos da luta de classes, a partir de uma perspectiva histórico-crítica.

Objetivos

Geral:

- Esta proposta tem como objetivo geral apresentar elementos para o debate sobre quilombos e lutas quilombolas no Brasil, dentro da perspectiva da luta de classes e tendo como horizonte uma maior aproximação dos movimentos sociais, do movimento sindical e da própria universidade com a organização e luta dos quilombolas.

Específicos:

- Compreender os conceitos de quilombo e os aspectos socioculturais, históricos e políticos dos quilombos no Brasil;
- Debater o racismo e a reafirmação da identidade quilombola como uma contraposição e negação ao primeiro;
- Problematizar a luta quilombola dentro dos marcos da luta de classes;
- Debater o papel das universidades no processo de organização e luta quilombola;

Metodologia

Utilizaremos diversos recursos pedagógicos para oportunizar a participação, o debate e a aprendizagem coletiva. Serão realizadas dinâmicas coletivas, utilizados recursos audiovisuais e materiais textuais, havendo também momentos expositivos visando contemplar os objetivos propostos.

Cronograma do Curso – dias 06 e 07 de abril de 2018

Dia e hora	Módulos	Conteúdos a serem trabalhados	Metodologia	Bibliografia básica a ser utilizada.
06/04 09h	Apresentação dos participantes do curso. Apresentação das expectativas sobre o curso e do entendimento que cada um tem sobre o tema proposto.	Conhecimento sobre o tema proposto: quilombos no Brasil.	A apresentação será livre e esta dinâmica possibilita pensar e estabelecer um ponto de partida para o debate futuro. Será solicitado de cada participante que elabore uma questão (escrita) a ser entregue no final da manhã do dia 07. Escolher um dos conteúdos trabalhados nos dois dias. Estas questões serão trabalhadas no último dia.	Imagens e som NASCIMENTO, Abdias. <i>O Genocídio do Negro Brasileiro: processo de um racismo mascarado</i> . São Paulo: Perspectiva 2017.
06/04 10h30	Módulo I. Quilombos: histórias e Memórias Ementa: Conceito de Quilombo, histórias dos quilombos no Brasil,	<ul style="list-style-type: none"> • Concepção de Quilombo; • Quilombos no Brasil: aspectos socioculturais e históricos; • Marcos legais da luta pela terra quilombola • Do quilombo à favela 	Exposição sobre o conteúdo utilizando material áudio-visual.	CAMPOS, Andreilino. <i>Do quilombo à Favela: a produção do “Espaço Criminalizado” no Rio de Janeiro</i> . Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; 2007. MOURA, Clóvis. <i>Quilombos: resistência ao escravismo</i> . São Paulo: Ática; 1993. MOURA, Clóvis. <i>História do Negro brasileiro</i> . São Paulo: Editora Ática, 1992.
12h	INTERVALO			
06/04 14h	Filme Quilombo (Carlos Diegues, 1984).	Realizado em co-produção com a França e baseado nos livros “Ganga Zumba”, de João Felício dos Santos, e “Palmares”, de Décio de	Filme seguido de debate. O debate visa abordar o conteúdo trabalhado pela manhã e o filme. - 14 às 16h – Filme - 16 às 18 - Debate	Em torno de 1650, um grupo de escravos se rebelou num engenho de Pernambuco e rumou ao Quilombo dos Palmares, onde uma nação de ex-escravos fugidos resistiu ao cerco colonial. Entre eles, está Ganga Zumba, príncipe africano e futuro líder de

		Freitas, o filme acompanha a história de Zumbi desde a década de 1650, quando Ganga Zumba (de quem Zumbi seria afillhado) dirigia Palmares, até sua morte, em 1695.		Palmares, durante muitos anos. Mais tarde, seu herdeiro e afillhado, Zumbi, contestará as idéias conciliatórias de Ganga Zumba, enfrentando o maior exército jamais visto na história colonial brasileira. MOURA, Clóvis. <i>Quilombos: resistência ao escravismo</i> . São Paulo: Ática; 1993.
07/04 09h	Módulo II. A luta quilombola no Brasil contemporâneo: território, identidade quilombola e resistência política e sócio-cultural	<ul style="list-style-type: none"> • Oralidade, memória e ancestralidade • Território e identidade quilombola • Modos de vida e estratégias coletivas • Documentário a ser selecionado 	Neste módulo abordaremos as relações de poder que atravessam a luta pelo território e o acionamento da identidade quilombola. Exposição seguida de apresentação de documentário e debate.	ANJOS, Rafael Sanzio Araújo dos. <i>Territórios das Comunidades Remanescentes de Antigos Quilombos no Brasil – Primeira Configuração Espacial</i> . 2 ed. Brasília: Edição do Autor, 1999. ALVES, Heliana de Castro. “ <i>Eu não sou o milho que me soca no pilão</i> ”. <i>Jongo e memória pós-colonial na comunidade quilombola Machadinha – Quissamã</i> . 2016. 316f. Tese (Doutorado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social)- Instituto de Psicologia, UFRJ, Rio de Janeiro, 2016 NASCIMENTO, Abdias. QUILOMBISMO: UM CONCEITO EMERGENTE DO PROCESSO HISTÓRICO-CULTURAL DA POPULAÇÃO AFRO-BRASILEIRA: Uma proposta do autor aos seus irmãos e irmãs afrodescendentes no Brasil e nas Américas, em trabalho apresentado ao 2o Congresso de Cultura Negra das Américas, Panamá, 1980. IN. <i>AFROCENTRICIDADE UMA ABORDAGEM EPISTEMOLÓGICA INOVADOR</i> . Coleção Sankofa, vol. 4. Elisa Larkin Nascimento, Org. PDF.
12h	INTERVALO			
14h	Módulo III. Organização e lutas quilombolas: como as universidades e os	Abordaremos através de uma dinâmica algumas questões importantes para	Neste módulo trabalharemos com a dinâmica da árvore: grupos temáticos – raiz, caule e folhas	SANTOS, Dalma (Pesquisadora e organizadora). Flores da Senzala . Rio de Janeiro: Mundo das Ideias, 2016.

	demais movimentos sociais podem contribuir? Experiências no Quilombo Machadinha	a organização da luta quilombola e a contribuição dos movimentos e universidades para a mesma.	serão preenchidos pelas questões elaboradas pelos docentes durante o curso. A partir delas encaminharemos o debate. A proposta é que com esta dinâmica possamos debater não as pautas quilombolas, mas a nossa contribuição como docentes e militantes para a organização das lutas nos quilombos.	YEMONJÁ, Mãe Beata de. <i>Caroço de Dendê: a sabedoria dos terreiros</i> . Rio de Janeiro: Pallas, 2008. FIABANI, Adelmir. <i>Mato, Palhoça e pilão: o quilombo, da escravidão às comunidades remanescentes (1532 – 2004)</i> . São Paulo: Expressão popular, 2012.
17h	Encerramento com atividade artística/cultural do movimento negro local.	Verificar possibilidade		